

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A Crítica Class.: Garimpo 74

Data: 12/11/85 Pg.: _____

SOBREVIVENTE CONFIRMA

4468

Delegado expulso de Itacoatiara foi morto por índios no garimpo

Carlos Dias

Excluído do quadro da Secretaria de Segurança por tentativa de homicídios e por torturar presos, o ex-delegado Mário Alves Sant'Ana foi uma das vítimas do massacre ocorrido há duas semanas, na serra do Traíra, onde garimpeiros foram atacados por um grupo de índios da tribo Tukano. A confirmação do massacre foi feita ontem pelo garimpeiro Antonio Gomes Matos, que sobreviveu com outros quatro companheiros e conseguiu alcançar um acampamento da mineração Taboca após cinco dias andando pelo mato.

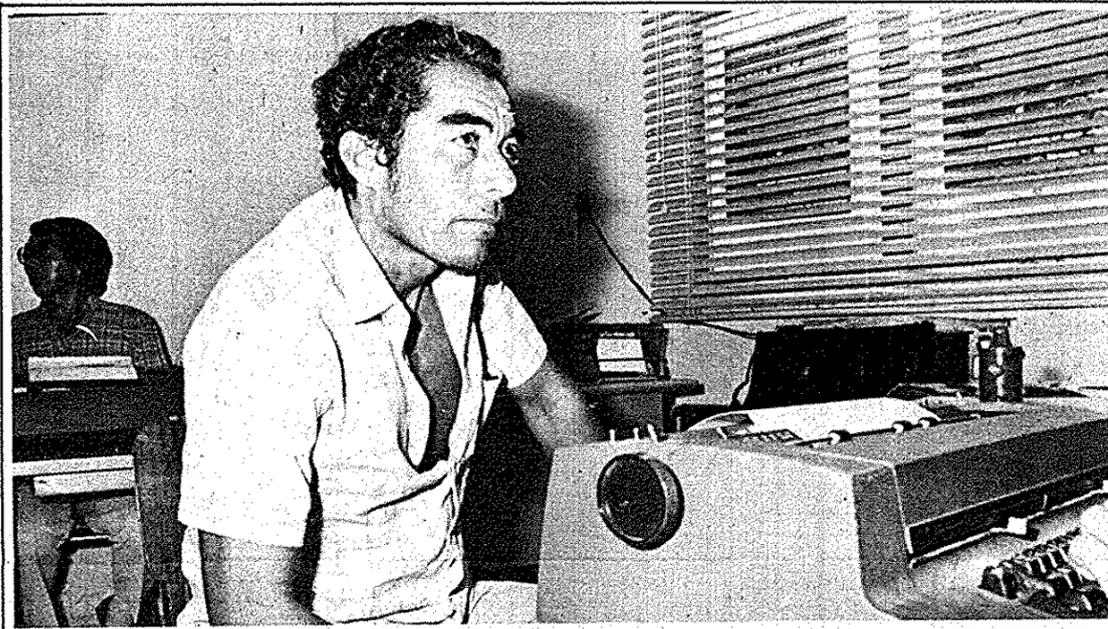
No massacre, segundo depoimento prestado ontem por Antonio Gomes, no Departamento de Polícia do Interior, foram mortos o ex-delegado Mário Alves Sant'Ana e o garimpeiro conhecido apenas como "Paraná", além de Teodorico de tal, empregado da empresa Gold Amazon.

AMEAÇAS

Durante o depoimento de Antonio, um estrangeiro que o acompanhava e trabalhava para Gold Amazon, empresa que opera na compra de ouro na região do Traíra, ficou nervoso com a presença do fotógrafo Carlos Dias, de A CRÍTICA e ameaçou quebrar a câmera, sendo necessário a intervenção do escrivão presente e, logo em seguida, do diretor de Polícia Metropolitana, Nonato Lopes.

Forte, com pinta de segurança, o funcionário da Gold Amazon perguntou porque estava sendo fotografado e quando o fotógrafo respondeu que aquela era sua profissão surgiu a ameaça: "Sua profissão é fotografar e a minha quebrar máquinas!" Isso aconteceu no gabinete do delegado Jorge Naito, do Departamento de Polícia do Interior.

Carlos Dias continuou fotografando e o estrangeiro, que deve ser boliviano ou colombiano, avançou em sua direção mas foi contido pelo escrivão presente e acabou sendo convidado a se retirar da sala. Na saída, ele ofendeu os jornalistas, dizendo que ninguém sabia nada sobre a vida no



Antonio Matos fazendo o relato do massacre no rio Traíra, onde o ex-delegado morreu.

garimpo e que as notícias divulgadas sobre o assunto eram todas mentirosas.

O MASSACRE

No depoimento, Antonio Gomes, cearense, de 40 anos, nascido em Brás do Santo, contou que saiu de Manaus um mês atrás, com o ex-delegado Mário Sant'Ana e os garimpeiros a quem conhece apenas como "Paraná" e "Pernambuco". Os três seguiram para o garimpo do rio Traíra, onde não puderam ficar porque os garimpeiros que ali

trabalhavam estão sendo expulsos por seguranças da Mineração Taboca, subsidiária da empresa Paranapanema.

Antonio declarou que ao deixar o garimpo, o grupo encontrou, ainda no rio Traíra, os garimpeiros Gabriel e Moreira, além de Teodorico, empregado da Gold Amazon. Existia ainda outro homem cujo nome Antonio não recorda. O grupo de oito desceu o Traíra num motor de popa de 8 HP pertencente à Gold Amazon e que apresentou problemas quando o rio Castanho foi atingido.

Um acampamento foi montado na margem do Castanho, enquanto Teodorico tentava fazer o reparo no motor. Isso aconteceu numa quinta-feira. No sábado, às 8 da manhã, o acampamento foi invadido por um grupo de pelo menos 100 índios, todos armados de bordunas, facões e espingardas. Os índios atacaram os garimpeiros e um dos primeiros a ser atingido foi o ex-delegado Mário Alves Sant'ana.

Antonio Gomes, que ainda tem um enorme ferimento na cabeça, disse que ao ser atacado

só pensou em fugir: "Não houve tempo para nada. Os índios investiram de bordunas e facões, gritando como loucos: Nem sei como consegui entrar no mato. Levei cinco dias para sair num acampamento da Paranapanema. Mais tarde quatro dos meus companheiros alcançaram o acampamento, todos feridos e um em estado grave".

Os sobreviventes foram removidos para Vila Bitencourt, onde chegara apenas com a roupa do corpo, já que tiveram de abandonar tudo pensando em salvar a vida. Antonio Matos perdeu todos os documentos e por isso procurou ontem o Departamento de Polícia do Interior, tentando conseguir nova documentação. Sobre a morte do ex-delegado Mário Sant'Ana, ele disse não poder afirmar nada, mas garantiu que antes de fugir viu o ex-delegado, Teodorico e "Paraná", sendo agredidos a golpes de borduna e facão.

SANGUE QUENTE

Mário Alves Sant'Ana, carioca, de 29 anos, teve a carreira mais rápida da história policial amazonense. Aprovado no concurso para delegado de polícia da Seseg sem obter os pontos necessários para ser nomeado, ele foi contratado para trabalhar em Itacoatiara, onde passou apenas uma semana. Acusado de prisões arbitrárias, perseguições e de se embriagar publicamente, Mário foi obrigado a fugir da cidade, para não ser linchado, quando alvejou com um tiro no peito o exator de rendas Waldir Moraes, numa briga de boate.

Em Manaus, preso por determinação do secretário Henrique Lustosa, o delegado tumultou o ambiente ao prestar depoimento, ameaçou agredir a imprensa e acabou exonerado no dia seguinte. Com a família morando no Rio de Janeiro, o ex-delegado, que ganhou a alcunha de "Papagaio na Areia Quente", era hóspede do Hotel Jangada, na Avenida Joaquim Nabuco, quando resolveu tentar a vida no garimpo do Traíra, onde encontrou a morte.



Documentos e uma agenda de Mário Sant'ana, recolhidos pelo sobrevivente



O funcionário da Gold Amazon que queria quebrar a máquina de Carlos Dias.